ANNO 3.º — Sexta-feira, 10 de Fevereiro de 1911 — NUMERO 156

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR — ARNALDO RIBEIRO
(•)
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA
Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo
Editor — ALBERTO SOUTO

ANNUNCIOS

Por linha . . . . . . 40 réis
Communicados . . . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

AO SR. MINISTRO DO INTERIOR

A alta consideração em que temos V. Ex.ª, obriga-nos a responder á prosa do *Intransigente* em que o sr. Weiss d'Oliveira tenta explicar a sua governação civil em Aveiro.

Tinhamo-nos promettido não mais attentar em tal cavalheiro, nem a nossa penna tropeçar mais no seu nome, depois de lhe havermos exposto, com toda a correcção, as causas da attitude do *Democrata*. Desde esse dia, esse homem morrera para nós.

O sr. Weiss, porém, entendeu, e muito mal, que devia deitar epistola ao publico e, afinal, estendeu-se fazendo encolher os hombros desdenhosamente ás galerias ávidas de escandalo, e obrigou-nos, assim, a quebrarmos a promessa que nos haviamos feito, forçando-nos a responder-lhe com verdades amargas, mas verdades sempre. Forçou-nos, repetimos, a responder-lhe, não pela consideração politica em que o temos, mas muito simplesmente por o sr. Ministro do Interior o ter apresentado ao povo republicano d'este districto.

A V. Ex.ª, pois, cumpre-nos dizer e provar-lhe que a razão está inteira do nosso lado e que o delegado de V. Ex.ª, em Aveiro era um incompetente e um inepto.

E já que V. Ex.ª tem de ser juiz n'este pleito, pedindo perdão para a maçada, queira ouvir-nos:

Localisemos a discussão apenas ao concelho d'Aveiro.

Aqui, a politica dominante era progressista. Nos ultimos annos da monarchia, a politica absorvente do progressismo, dominou largamente, ladravazmente, porcamente.

O partido regenerador, depois da scisão franquista, atacado de atrophia progressiva, mumificára-se e ninguem o enxergava, ultimamente, reduzido como estava a meia duzia de individuos, quando muito. Os elementos de preponderancia politica regeneradora passaram para o franquismo. Podia, pois, dizer-se que, n'este concelho, só existiam, de polpa, *caciques* progressistas e franquistas, no regimen deposto. A dissidencia progressista, que ultimamente appareceu, não tinha cotação, appoiada como era pelo grupo firminista que, ha muito já, fôra atacado de cachexia senil.

Progressistas e franquistas odiáram-se, cuspiram-se mutuamente insultos, como inimigos irreconciliaveis, durante muito tempo.

O conde d'Agueda atacado de megalomania politica, sonhára alargar os dominios do seu mando e deitou olhos avidos e cubiçosos sobre Aveiro.

Mandar aqui, era a sua ambição suprema. Vir da sua aldeia dar as cartas á capital do districto, terra que tantos homens illustres gerára, era para a sua vaidade um goso desmedido.

V. ex.ª deve conhecer, com certeza, este cavalheiro, rebento enfezado da bacoquice nacional, prototypo da boçalidade do bacharelato em direito, com larga pratica em recados e contumelias no Paço dos Navegantes.

Veio a Aveiro e com recommendação das senhoras *ministras* e do *Bacoco maximo*, assentou arraiaes e pontificava ahi, acolytado por uns gatos pingados que causavam asco. Era um grupo de insignificantes que vivia do elogio mutuo, perseguindo e beliscando tudo que não pertencesse á sua grey. Mediocres, dispondo da lei e do poder a seu talante, fizeram p'rá hi quanta veniaga lhes aprouve, [illegible]rnaram esta terra um feudo d'esse ridiculo sultanete.

[illegible] [illegible]ceitaram de bom grado a sua entrada em Aveiro, os franquistas. Insultaram-n'o, escarraram-lhe chufas, apedrejaram-lhe o carro. Não queriam aqui intromettido um individuo estranho, juravam.

Os annos correram. A monarchia perdia terreno dia a dia. O descredito dos monarchicos de todas as côres, manifestou-se; os roubos, as immoralidades collossaes da monarchia e dos seus homens patenteou-se cruamente. Era um regimen de ladrões.

Em pleno periodo da dictadura franquista, os elementos republicanos locaes aggremiaram-se, reconheceram a necessidade inadiavel de crear um jornal. De ahi, surgiu o *Democrata*.

Havia, é certo, na cidade um jornal com o rotulo republicano, mas esse insultára todas as senhoras de Aveiro, os homens em destaque n'esta terra e fazia intensamente a politica do Conde d'Agueda. Atacou os franquistas a quem chamou canalhas, pulhas, escoria, raymundos, etc., etc., etc., e pôz-se abertamente ao lado dos progressistas. Amigo intimo do Conde, diziam.

Fazendo a politica d'Agueda, abriu odios fundos entre os elementos affectos ao Conde d'Agueda e os franquistas locaes.

Viviam uma vida de insultos, os seus jornaes eram indecorosos, em linguagem baixa e deslavada escriptos.

Os annos correram e chegámos ao periodo precursor da Revolução.

Os partidos politicos da monarchia perderam ostensivamente a physionamia propria que até ahi conservavam, ao menos apparentemente, *para inglez vêr*, e deram-se as mãos, passada uma esponja sobre os insultos da vespera, para a defeza do throno e para guerrearem perseverantemente tudo o que cheirasse a republicano. Ao seu odio maldito nada escapava, As lojas de republicanos eram abandonadas, procurava-se lesal-os por todos os modos, diffamando-se, calumniando-se. Era já o ataque pessoal descarado e tôrpe. Assim se viveram annos.

N'esta altura o *Povo d'Aveiro*, ataca violentamente Affonso Costa e este, n'um desforço sublime, escarra na fronte do vendido Homem Christo, inutilisando-o moralmente.

E'-lhe instaurado um processo e Homem Christo, por não se desaggravar, apposentado' por incapacidade moral.

Desqualificado desde este momento, Homem Christo, attribuindo os seus infortunios aos republicanos, jura vingar-se abrindo sobre todo o partido o vasadouro, a repreza dos seus odios e insultos.

Começou, então, furiosamente, essa ardua e ingrata tarefa acompanhado, elogiado e incitado pelos elementos monarchicos que o aproveitaram para a companha de descredito que ambicionavam contra os republicanos.

Os *caciques* da monarchia, os politicões do regimen, o proprio Paço, protegiam o *Pulha d'Aveiro* dando-lhe assignaturas aos milhares e comprando edições fabulosas para estimular, n'essa campanha indecorosa, esse biltre que aqui assentou arraiaes.

Tornou-se, então, abertamente reaccionario e defensor das violencias extremas da monarchia.

Incitav[illegible] ao crime, pedia em todos os nu[illegible] d'esse *pasquim* infame, a mort[illegible] dos republicanos.

Os jornaes monarchicos e ultramontanos, dando-lhe a nota de *transcrip[illegible] um jornal republi-* [illegible] Escola D[illegible] os ataques que lhe encommendavam e que fartamente lhe pagavam.

Assegurada a vida, pelos elementos reaccionarios politicos e religiosos, Homem Christo demitte-se do exercito e desce, se pode ainda chamar-se a isso descer, a insultar, a insultar, a insultar n'um phrenesi, n'uma obcessão incommensuravel e louca, os republicanos,

O jornal era uma coisa sem nome, pois não ha termos proprios que traduzam a sua indecorosidade. Quem quizesse, escrevia, insultando fosse quem fosse e elle tudo publicava. Mentiras, calumnias, diffamações, torpezas, tudo sahia. Era uma questão de dinheiro.

Progressistas e franquistas elogiavam-n'o, applaudiam-n'o.

O partido republicano organisára uma activa propaganda—multiplicavam-se os comicios onde os oradores da democracia eram applaudidos delirantemente. Fazia-se, singelamente, a exposição das roubalheiras do regimen, procurava-se interessar o povo pelas coisas publicas, mostrando-lhe o sudario das suas miserias.

Fallava-se com provas na mão, apontavam-se numeros na fabulosa innumeração das roubalheiras.

Marcou-se dia para um comicio na Fogueira—povoação pertencente ao cacicato de Anadia. O que fizeram e disseram os monarchicos auxiliados e guardados pela força publica e por um grupo de caceteiros ignorantes e embebedados para insultar e provocar os republicanos, excede tudo o que ha de torpe e revoltante. Os republicanos sahiram, d'ali, incolumes, devido á sua prudencia e educação.

Surtira, porém, effeito contraproducente a attitude incorrecta e provocante dos agentes da monarchia. A farça que ensaiaram trouxe-lhe em breve duras desillusões.

D'ahi em diante, a par e passo que os comicios se repetiam, as affrontas dos nossos adversarios, eram innumeraveis. Atacavam ás cegas, furiosamente, n'um empenho feroz de maguar, de ferir os republicanos.

O Pulha d'Aveiro fazia o ataque pessoal dos nossos correligionarios entrava na sua vida intima, não respeitando esposas, irmãs ou mães. Era a obra pura d'um sicario.

Chegou a vez, um certo dia, ao destemido democrata, dr. Eugenio Ribeiro. Ferido na sua dignidade, calumniado torpemente, o dr. Eugenio, n'um momento de sereno desforço, chama o *Pulha d'Aveiro* aos tribunaes. Ali, provou-se que todas as affirmações eram calumniosas, sahindo illibada a honra do dr. Eugenio Ribeiro. Pois apezar de se provar que tudo quanto esse infame dissera era mentira, pois apezar d'esse scelle-rado ter insultado centenares de cidadãos sem nunca ter sido chamado aos tribunaes, rompe logo um côro, com Homem Christo á frente, clamando que a chamada aos tribunaes era um plano concebido e delineado pelo partido republicano para aniquillar a voz do *Povo de Aveiro*. Iniciaram immediatamente uma subscripção para fazer face a quantas imaginarias querellas viessem d'ahi em diante. Querella alguma voltou mais, mas, apezar d'isso, a subscripção subia, cahia o dinheiro liberrimamente para aquelle infame destino.

Ao dinheiro assim junto para pagar as despezas pelas condemnações, por insultos feitos aos republicanos, chamavam-lhe *fundo de propaganda*.

Propaganda de quê? Da calumnia, do insulto, do ataque á honra, á dignidade, á paz, ao lar dos cidadãos!

Poi[illegible] infame, o *fun-do de*[illegible] subscriptores, teve thesoureiro, teve secretario.

Havia creaturas que se associavam serenamente, friamente, ao ataque calumnioso da honra dos seus concidadãos, que protegiam, com dinheiro e com incitamento, a obra degradante d'essa infame grilhêta que nunca soube o que é honra, dignidade d'uma familia, porque nunca a teve. Nunca esse nobre sentimento floriu na alma d'aquelle biltre. Nunca!

Estão ahi, na collecção d'esse *pasquim*, os nomes dos *preclaros* varões, que formavam a commissão do *fundo*, para dizer aos vindouros a escoria d'essas almas e para nos lembrar a nós, avivando-o sempre, o asco que essas creaturas miseraveis nos provocam.

Chumbados a esse pelourinho, ahi ficarão recebendo o desprezo, a maldição das consciencias rectas.

* * *

Estavam, d'este modo, dois campos politicos balisados na sociedade portugueza:—a gente da monarchia e os homens da Republica.

Os republicanos, na propaganda serena da sua doutrina, para o resurgimento da patria e a dignificação do nome portuguez;—os monarchicos amparando um throno que se tornara uma capa de ladrões e recorrendo para isso aos mais baixos processos.

Além dos insultos, das affrontas mais violentas, foram muitos correligionarios nossos perseguidos e transferidos de empregos só pelo facto de serem republicanos! Faziam-se syndicancias que eram por si simples perseguições.

Quando o Porto republicano nos visitou, soffremos, com os nossos hospedes, as maiores contrariedades e insultos. Os jornaes de Aveiro, sem excepções, cuspiram-nos, achincalharam-nos, chamaram-lhes bebedos e, ás excursionistas, rameiras.

Soffremos envergonhados a má creação da imprensa d'esta terra.

Tudo isto originou e alimentou um odio profundo e latente em Aveiro. Nós eramos os perseguidos, os calumniados.

* * *

A esta terra chegou o delegado de V. Ex.ª, Weiss d'Oliveira. N'um dado momento, as commissões republicanas, apresentaram-lhe um certo numero de reclamações que julgam de toda a justiça e opportunidade. O sr. Weiss de Oliveira ouviu, enguliu em secco, tossicou e por fim respondeu:—*Vou procurar informar-me e, depois, responderei.*

Cahimos das nuvens! Informar-se com quem, perguntámos nós?

Pois não são as commissões republicanas locaes, por emquanto, até esta data, as unicas delegações do povo? Pois não eram estas as entidades que tinham o direito absoluto de ser ouvidas?

A quem ia pois o sr. Weiss pedir informações?

Não nos ouviu, é certo, e foi acamaradar com a gente que representava a reacção politica e religiosa do regimen deposto, dando-lhe ostensivamente o seu apoio.

A nós enviou-nos uma circular em que nos pedia para polirmos a linguagem, quando o *Democrata* estava n'um periodo sereno, sem violencias já, e, ao mesmo tempo, mandava policiar e guardar a pocilga do *Pulha de Aveiro*, jornal que atacava, em todos os seus numeros, injustamente, por odio e por rancor, como tantas vezes confessou, os homens do governo provisorio da Republica. E como se isto fosse pouco, recebe uma moção, que promette remetter ao governo provisorio para d'ella tomar conhecimento, em que o centro de Homem Christo jura defen-d[illegible] os meios, a vida e [illegible] do director do *Pu-*[illegible] cuja existencia representava uma necessidade nacional!

Isto era unico! O delegado de V. Ex.ª protegia, por todos os modos, um *pasquim* que atacava a Republica, que diffamava os seus ministros, que levava, lá fóra, o descredito do novo regimen.

Era, na verdade, um procedimento singular!

E era de tal modo irregular, tendencioso e imbecil o procedimento do delegado de V. Ex.ª que o Governo Provisorio viu-se obrigado a suspender o *pasquim* que o sr. Weiss defendia. Foi uma reprovação formal dos seus actos. Mostrou á sua myopia cerebral a pessima orientação com que se conduzira no logar que, felizmente para todos nós, poucos dias occupou.

Demettido d'esse logar, escreveu no *Intransigente* a historia da sua ephemera governação e ali, inconfidentemente, tenta ameaçar-nos com revelações extraordinarias.

Veja V. Ex.ª que detestavel creatura para aqui destacou! N'este periodo de demolição, reorganisação e reconstrucção, todos os actos combinados entre as entidades officiaes constituidas antes de 5 de outubro e os delegados do Ministro do Interior, devem ser, por sua natureza, confidenciaes.

Não o entendeu assim o sr. Weiss e veio ainda, perjuramente, ameaçar-nos com a nota que diz reter em seu poder!

O que se lhe pediu era simplesmente uma obra de saneamento. Não se pediu a forca para ninguem, nem a morte pela fome aos nossos inimigos de sempre. Não.

Tinhamos o [illegible] pôr nas antigas situa[illegible] [illegible] sr. governador civil co[illegible]des que o compadrio monarchico guindou, por favor, a situações em que são incompetentes e temos o incontestavel direito de não querer deante dos nossos olhos as creaturas que protegiam esse bandido que, lá fóra, continua a campanha do descredito que aqui fazia e que se faça luz nas repartições locaes que os proprios homens da expulsa monarchia apontavam como administrações prevaricadoras. Não nos amedronta por isso, a ameaça, nem nos impallidece a maldade da feia acção do sr. Weiss d'Oliveira.

O logar de governador civil, n'esta conjunctura, demandava uma alta circumspeção, uma grande firmeza de caracter e uma intransigencia de principios nitida e insophismavel.

O sr. Weiss, n'este periodo movimentado de remodelação social, devia-se ter isolado, ter-se furtado a influencias pessoaes que nunca foram republicanas e que representavam o passado com todos os seus vicios. Era um sacrificio, mas era esse o dever que lhe impunha o cargo de confiança em que o governo revolucionario o investira.

Guardasse para mais tarde, depois de concluida a ardua tarefa de reconstrução republicana, as affeições das escolas. Mas não; o sr. Weiss d'Oliveira, levado pela mão d'essas relações, poz de parte tudo quanto era honesto e justo n'esta epocha remodeladora e foi entregar-se aos *caciques* franquistas e progressistas do regimen expulso! D'este modo, os republicanos que soffrera[illegible] e vexames pelo disseram aq[illegible] [illegible]rnardino Machado e Affonso Costa, a obra da Republica tem de ser, e ha-de ser, de concilia[illegible]

"TRICANAS E GALLITOS,,

Augusta Freire

Não é voz corrente só em Aveiro, mas tambem em Vianna do Castello, como o demonstrou o nosso reverendo amigo, padre João Assumpção, o anno passado, que Augusta Freire é uma artista que encontraria no theatro um bom futuro se porventura quizesse fazer da arte profissão e do palco modo de vida. Porém, as coisas são o que são e a Augustinha por mais que lhe soprem aos ouvidos, ha-de ser difficil decidir-se a deixar a terra onde nasceu, onde vive e onde conta em cada habitante um admirador sempre prompto a fazer justiça aos seus merecimentos, aos seus encantos e sobretudo á desenvoltura com que se apresenta em scena dando-nos a impressão, muitas vezes, de que nos achamos em presença d'uma actriz consumada e não d'uma simples amadora, embora correcta e elegante.

Os triumphos de Augusta Freire contam-se pelo numero de espectaculos em que entra.

E' ella justamente considerada a estrella do grupo Tricanas e Gallitos, *pelo que lhe são distribuidos sempre os melhores papeis, os mais difficeis e de maior responsabilidade, não sabendo nós que mais admirar n'ella: se o talento, se a arte, pois d'ambas as coisas é dotada e para tudo quanto emprehende tem habilidade e aptidões.*

O retrato que hoje publicamos representa Augusta Freire no papel de toureiro, no Caramello, *que é um dos que ella desempenha com maior brilho e vivacidade. Admiramol-a n'esse papel, como de resto a admira toda a gente e até o Papa, se cá viesse, era capaz de a admirar, tal a perfeição com que o encarna e d'elle se apodéra para o seu correcto desempenho.*

Mas basta que é difficil proseguir, tanto mais que tendo nós já escripto algo sobre os meritos que tornam a Augustinha alguem n'este mundo, que dizem ser um valle de lagrimas, não queremos agora passar por relogio de repetição sem licença do Eugenio, que por muitos annos tratou e deu corda ao da cadeia... unico que existe e que suppomos ser o sufficiente para a cidade.

toria, de um delegado d'um regimen novo acamaradar com os viciosos e criminosos das instituições ha dias ainda justiçadas na praça publica, pondo de parte os verdadeiros republicanos.

Era o passado com todos os seus vicios que ia de novo erguer-se, esfregando as mãos, satisfeito, e rindo-se de nós, que tanto haviamos soffrido ás suas mãos vingativas e impuras, sem termos um momento de reanimo, sem vermos apparecer, para nos reanimar, uma lufada de justiça.

Ainda bem que o sr. Ministro do Interior, a tempo, cortou a incompetencia do seu delegado, demettindo-o. Toda a gente sensata o appoiou, esteja V. Ex.ª certo d'isso e a Republica só teve a ganhar com esse passo.

O sr. Weiss d'Oliveira foi afastado, para sempre, do governo civil d'Aveiro e pelos seus actos praticados aqui e pela prosa, esvurmando odios, no *Intransigente*, revelou-se-nos um homem sem caracter e sem principios.

Coisas & tal

Syndicancias

Vão ser syndicadas, dentro em breve, as ultimas vereações que fizeram parte da camara de Aveiro e tambem a repartição das Obras Publicas onde consta haver muito que apurar e responsabilidades a derimir.

Para procederem á primeira já foram nomeados o sr. major Peres e o aspirante dos correios João Augusto Rosa que não tardarão a encetar os seus trabalhos.

No fim, é claro, fallaremos.

A corja

Mão amiga envia-nos do Brazil alguns jornaes com artigos da thalassaria, entre os quaes a *Folha do Norte*, que se publica no Pará e que com o titulo *Politica portugueza*, escreve assim:

«Agora que, como um mensageiro cruel, vem visitando os portos brazileiros o cruzador *Adamastor*, trazendo officialmente a nova fatidica da implantação da republica em Portugal, isto é, o regimen feroz da intolerancia, do odio, da tyrannia, do incendio, da delapidação e quiçá do assassinato, creando para a nossa querida patria uma situação de terror e insegurança, de falta de liberdade e arrocho, como não temos exemplo na nossa longa vida, julgamos um dever de patriotismo esclarecer os nossos compatricios monarchicos ácerca da commissão que vem desempenhando o *Adamastor*.

E, para fazel-o, perfilhamos *in totum* as opiniões de M. J. Correia, expendidas no artigo infra, publicado na *Bandeira Portugueza*, de S. Paulo, edição de 24 do mez passado».

Esse artigo, d'onde apenas recortamos alguns periodos para amostra, começa do seguinte modo:

«Está desde quarta-feira n'este porto um cruzador denominado *Adamastor*, outr'ora festejado e querido dos portuguezes, que reviam n'elle, saudosos, um pedaço da patria distante. Hoje, em vez de jubilo, é motivo de lucto cerrado, para os legitimos portuguezes, a sua estadia entre nós. E' que o *Adamastor* de hoje representa a vil traição e o odio sangrento; é o mensageiro do mal e um dos factores da queda das instituições monarchicas portuguezas, á sombra das quaes se escreveu a nossa historia gloriosa e n'ella encontram todos os povos cultos poemas de um valor immenso e de um prestigio sem rival».

E mais abaixo:

«O legitimo *Adamastor* já desappareceu; esse que ahi está é falso e despresivel, como falsa e despresivel é a sua tripulação, como falso é o terreno onde se firmam todos os *Baiças* inimigos e encarniçados demolidores da patria lusitana».

A' vista d'isto perguntamos nós: que pensa o governo fazer, que medidas tenciona adoptar para conter em respeito esses infames assalariados da monarchia que tão vilmente estão compromettendo a honra da sua Patria? Poderá porventura continuar essa campanha de descredito que, mórmente no Brazil, se está fazendo contra Portugal por gente fanatisada e anti-patriotica? Evidentemente não póde. E mal vae ao governo se não deligenciar metter um freio nos dentes dos senhores *commendadores*, que não tendo habilidade para mais nada, se vão, comtudo, entretendo a dizer o peor possivel da Republica, afrontando e desgostando d'essa maneira os nossos correligionarios d'alem-mar.

Nada; é preciso, para honra de Portugal, que a esses rancorosos scellerados se faça sentir o [illegible] de baixo e de indigno tem [illegible] proferem a res- [illegible] que [illegible] dizem

O Chico

Desde que o seu nome appareceu como fazendo parte d'uma celebre *commissão de fundos* que tinha por fim angariar assignaturas e dinheiro com que *Capirote* se propunha *reduzir a quadrilha republiqueira*, votámos-lhe o nosso desprezo, afastando-nos d'elle com o nojo e repugnancia que sempre tivemos pelas coisas sujas. Não teria perdido muito porque nem eramos influente politico nem na sociedade d'Aveiro representamos nada que tenha semelhanças com os figuros ou pessoas do bom tom que só fallam aos da sua ugalha. Entretanto, precisamos frizar este ponto: o *Chico* vae-se agora até Setubal com verdadeiro aprazimento dos republicanos antigos e porconseguinte nosso, que tinhamos o maior empenho de lhe fazer sentir que *a quadrilha republiqueira* não foi nem será *reduzida*, como tanto desejava, a bem dos seus interesses.

Tem paciencia, *Chico*. E já que nem segurando-te com força aos *paus* do *Capirote* pudeste evitar o trambolhão, vê ao menos se, commendo um bocado d'atum, que o ha de primeirissima ordem em Setubal, consegues adquirir mais phosphoro do que o que tens n'essa cachimonia...

FRANCISCO DE MOURA

Fez no dia 5 um anno que os republicanos d'Aveiro perderam em Francisco Antonio de Moura um dos seus mais queridos correligionarios e, quiçá, melhor amigo.

Ha um anno que elle morreu, mas a sua memoria, querida e amada, ainda não foi nem será esquecida por quem, como nós, tinha pela sua inquebrantavel fé, pelo seu caracter e pela sua vida toda abnegação e philantropia, o respeito que lhe é devido, a veneração que as suas virtudes nos inspirava. Por isso lá fomos, n'esse dia, junto da sua campa, espargir com as commissões republicanas, flôres que traduziam a nossa saudade, lagrimas que eram o nosso sentir, a nossa gratidão, a eterna affirmação da nossa solidariedade. E as palavras que proferimos, juntamente com as de Eysio Feio, José de Pinho, José Pinheiro e Cunha e Costa, foram affirmações solemnes que só um homem da envergadura moral de Francisco de Moura podia arrancar ao coração dos que sempre hão de chorar a sua perda.

* * *

Para commemorar o triste anniversario, os srs. José Ferreira Pinto Junior e João José Diniz d'Oliveira, actuaes proprietarios da drogaria Pereira Barboza, Successores, do Porto, enviaram-nos a quantia de 5$000 réis para ser distribuida pelos pobres do *Democrata*.

Tendo-nos desempenhado d'essa missão vamos dar conta dos contemplados, em nome de quem agradecemos a generosa offerta, e que foram os seguintes: Antonio da Naia Sardo, *o Ataqueiro*, rua do Vento, 500 réis; Luiz Agostinho, *o Pataneca*, L. do Rocio, 500 réis; Emilia do Egydio, rua de S. Gonçalinho, 500 réis; Jacob da Rosa, idem, 500 réis; Maria Povoa, rua do Arco, 500 réis; Cypriano de Oliveira, rua do Vento, 500 réis; Maria Ritta Leitoa, idem, 500 réis; João Pitto, rua do Norte, 500 réis; Genoveva Pereira, idem, 500 réis e Joanna Rosa, rua de S. Martinho, 500 réis.

Transferencias

O sr. Brito Camacho, ministro do Fomento, assignou na terça-feira uma portaria pela qual é transferido para Setubal o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, professor da Escola Industrial d'esta cidade, collocando no seu logar o sr. João da Silva Mattos que exercia identica profissão na Covilhã.

A transferencia do sr. Silva Rocha como a do sr. padre Marques de Castilho, da Escola Normal, eram d'aquellas que se impunham, porque, tendo feito causa commum com o bandido de Arnellas, a sua permanencia aqui constituia uma verdadeira affronta para o partido republicano de Aveiro.

Pezames

Damol-os sentidamente aos nossos amigos, srs. Fausto, Eduardo e João Pinto [illegible] pela morte de sua [illegible] dada no principio de

CIRCULAR

Pelo governo civil d'este districto acaba de ser enviada a todos os administradores dos concelhos, a carta que abaixo reproduzimos e cuja doutrina perfilhamos, louvando, como merece, o illustre magistrado que a subscreve pela maneira assaz democratica como está orientando os serviços da sua repartição, em tudo harmonicos com os principios que o partido republicano vinha defendendo.

Essa circular para a qual chamamos a attenção de todas as commissões republicanas, a quem especialmente interessa, é do theor seguinte:

Sendo absolutamente necessaria á Republica e ao bom funccionamento da organisação democratica definir as areas de acção dos organismos politicos e administrativos;

Considerando que da acção harmonica d'essas diversas corporações, desde a Commissão Parochial Politica—onde a influencia individual se póde e deve exercer liberrimamente—á Commissão Municipal ou Districtal; desde a Junta de Parochia, onde tambem a influencia dos cidadãos deve ser primordial, á Commissão Administrativa, transitando pelo Administrador até ao Governo Civil, porque d'este funccionamento harmonico, diziamos, é que ha-de resultar o melhor aproveitamento de todas as forças vivas da sociedade e a melhor e mais consciente orientação a seguir, de acordo com os principios da pura democracia;

Sendo relativamente frequente receberem-se n'este Governo Civil, assim como nos Ministerios, indicações e pedidos para nomeações, transferencias e outros actos de administração publica sem serem originados ou canalisados pelas corporações respectivas, chegando a haver alguns, embora raros casos, em que, por esta falta de segura disciplina politica, as indicações ou pedidos, etc., se entrechocam;

Rogo a V. Ex.ª se digne fazer sciente aos organismos politicos ou administrativos da sua área o seguinte:

1.º As commissões politicas ou administrativas devem cifrar os seus trabalhos, indicações, etc., exclusiva e rigorosamente á sua área. Quando assim não seja, serão considerados sem effeito para este Governo Civil os trabalhos ou indicações realisadas.

2.º As commissões politicas parochiaes entender-se-hão com este Governo, exclusivamente por intermedio das commissões municipaes ou districtaes, quando organisadas.

3.º Egualmente as commissões parochiaes administrativas se devem entender com as commissões municipaes e estas, pelos administradores delegados do governo da Republica, com o Governador do Districto.

4.º Todas as indicações, pedidos, etc., devem vir acompanhados de informações justificativas da sua razão de ser ou com a indicação de quem as póde fornecer.

5.º Que fóra d'isto todos os pedidos ou indicações serão considerados de nenhum valor, quer sejam particulares ou collectivos, excepto quando se verifique que as commissões não cumpriram o seu dever, recebendo-os, informando-os e fazendo-os seguir o seu destino.

E' nas commissões populares que reside toda a força do regimen democratico em que vivemos, sendo necessario que o Povo verifique, pelas boas praticas, e se convença de que assim é e será exclusivamente, dando áquelles organismos toda a importancia que realmente teem.

Por seu lado, este Governo Civil—sem lesão de sua funcção de iniciativa—não tomará qualquer resolução, ou por isso se interessará, que diga respeito aos interesses locaes—mudança de pessoal, nomeações, demissões e todos os mais actos publicos—sem consultar e seguir criteriosamente a opinião dos citados organismos.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 6 de fevereiro de 1911.

O Governador Civil,

Rodrigo Rodrigues.

Os ferro-viarios

Consta-nos que lavra certo descontentamento entre os operarios das officinas dos Caminhos de Ferro Portuguezes, em Ovar, por ca[illegible] terem sido suspensos e de[illegible] companheiros que ma[illegible] na gréve, fallando-s[illegible] [illegible]

genheiro Ferreira de Mesquita como um dos principaes culpados d'estas reprezalias.

Não poderia a Companhia, para evitar novos conflictos, passar uma esponja sobre o passado esquecendo inclusivamente os aggravos, se é que os tem, de algum pessoal?

Cremos que seria esse o melhor caminho e mais acertado.

PELO MUNICIPIO

Depois da sessão ordinaria de 4.ª feira, foi depôr o seu mandato nas mãos do sr. governador civil do districto, a Commissão Municipal Administrativa, cujo quadro se achava incompleto e desconjunctado sem possibilidade alguma d'uma viavel recomposição.

O sr. governador civil aceitando a demissão pedida tratou imediatamente com as commissões politicas locaes de organisar nova camara ficando hontem mesmo assente que ella seja constituida pelos seguintes cidadãos a quem foram mandados passar os respectivos alvarás:

Effectivos

Dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho
Jayme dos Santos
Sebastião S. Pereira
Vicente Rodrigues da Cruz
Manuel Augusto da Silva
Pompilio Simões Ratolla
Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho

Substitutos

José da Fonseca Prat
Manuel de Souza Gouveia
João Vieira da Cunha
Manuel Thomaz Vieira Junior
José Casimiro da Silva
João Rodrigues Calafate
Pompeu da Costa Pereira

CORRE DE BOCCA EM BOCCA:

Que o *Chico*, sem ser o *tezo* do tempo do João Franco, vae afinal dar o seu passeio.

—Que attendendo ás suas apreciaveis aptidões de paysaigista, foi propositadamente escolhida a região para onde irá.

—Que para *aguarella* e *pastel* ha por ali assumptos de primeirissima ordem.

—Que Setubal, é terra a onde um homem pode ficar melhor da perna.

—Que para paysagem e quadros a rabanête e couve flôr, deve consolidar a fama do *Chico*.

—Que agora é vêr se por lá se constitue alguma outra commissão angariadora de fundos... sem fundo falso.

—Que dos tres falta só um para tambem levar um *beijo*...

—Que o *Chico* foi a Lisboa, de malinha e Cache-col.

—Que na Pampilhosa lá estava o nobre conde, *sempre e por completo afastado da politica.*

—Que lá foram os dois, mas quando chegaram, já o cão no caminho tinha feito... a tal cousa.

—Que emfim, Setubal, não é mausinho de todo e como professor, vá lá que está com sorte.

—Que tambem foi dos um judeus que ajudou a calumniar os do correio.

—Que ninguem faça mal ao seu visinho, que o seu lhe não venha pelo caminho.

—Que ha lagrimas que não caem no chão, nem supplicas que Deus não ouça.

—Que umas e outras foram derramadas e feitas pelos que elle ajudou a perseguir.

—Que uma das victimas quiz o destino, que fosse agora tambem syndicante do seu perseguidor.

—Que esse grandissimo patife começa agora a expiar os seus crimes.

—Que Deus nos dê vida e saude, que temos muito que ver.

—Que vae ser tambem syndicado um famoso *gajo* que foi administrador n'um dos concelhos do norte do districto.

—Que só á falta de homens para servir o paiz no tempo ominoso do franquismo, poude occasionar a escolha d'esse idiota.

—Que era idiota, mas não o foi para explorar o eterno explorado Zé Povinho.

—Que consta cobrou, recebeu e embolsou illegal e violentamente diversas importancias.

—Que é indispensavel fazer-se luz n'este caso, para deitar abaixo prosapias e pimponices.

—Que a *coisa* vae de vagar, mas vae, podem estar certos d'isso.

—Que o *joven-ancião* tambem levou com a *taboa*, tudo para dar gosto como diz o Floren... cio.

—Que o *joven* imaginava que estava ainda nos tempos do pae alcaide.

—Que o *Pigaitas* foi pedir misericordia, supplicando *clemencia*, sem protesto do... reverendo.

—Que no entanto alguem affirma que *Pigaitas* faz do *Areias* de Fafe o seu constante porta voz.

—Que agora diz este que a Hespanha vae invadir o paiz [illegible]

—Que [illegible] terra e a Ingla[illegible]

—Que se fosse o contrario, oh nosso rico patêtinha, é que seria para admirar.

—Que o *Capirote* infame continua lá por fóra escarrando affrontas sobre o paiz.

—Que se espera um decreto breve, expulsando para sempre do territorio da nação, esse baixo malandrim.

—Que se avalie por o procedimento d'esse bandido a lealdade do *centro* que elle aqui fundou.

—Que a inscripção d'uma *certa* pessoa no velho club republicano, causou engulhos a valer.

—Que a *beiça* desceu bruscamente no mercado d'um para outro dia.

—Que as sympathias pelos *capirotaceos*, por toda a parte se manifestam

—Que já está feito um artigo de sensação para o *Moliceiro* devido á penna d'um dos tres fundadores

—Que se intitula—a influencia do repolho—e a entrada do gado em Lisboa sobre a politica local de Villar.

—Que o *Mijareta* ficou bansado quando ouviu a leitura d'esse artigo em... conselho de... ministros.

—Que se apparece segundo artigo d'aquella força é certa a inscripção do seu auctor na lista para as constituintes.

—Que o *Bébes*, segundo consta, vae imitar aquelle genero no seu *acreditado* jornal.

—Que evidentemente as dissertações devem basear-se em coisas liquidas.

—Que, por exemplo, pode escrever sobre a influencia do summo da uva e seus preços, no numero das *peruas* cosidas ao ar livre.

UM DIALOGO

A quando da sua estada em Lisboa, no meado da semana passada, o sr. dr. Rodrigo Rodrigues, governador civil d'Aveiro, encontrou-se na *gare* do Rocio com um redactor do *Diario de Noticias* que durante a espera da partida do comboio o entrevistou sobre assumptos da politica districtal. Essa entrevista, por muitos motivos interessante, trasladamol-a hoje para aqui do referido jornal, significando ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues o quanto nos impressionaram agradavelmente as suas palavras, que são bem palavras proferidas por um homem intelligente e ponderado.

Segue o diagolo:

Como soubessemos que o governador civil de Aveiro estava em Lisboa e o encontrassemos hontem na estação do Rocio, de regresso áquella cidade, aproveitámos a opportunidade para colher d'elle impressões relativas ao seu novo cargo, em que anda completamente absorvido, e a este respeito vamos dar aos nossos leitores d'aquelle districto um rapido bosquejo do dialogo que com s. ex.ª travámos.

—Então de regresso já?

—Assim é. Estive aqui dois dias e fiz por multiplicar os meus momentos para tratar das necessidades mais instantes da politica republicana do districto. A não ser isto, o meu posto é lá, sobretudo n'este momento em que tanto desejava estar em Espinho, onde, como sabe, o mar, mais uma vez, investiu com a linda povoação e as suas obras de defeza, mas não perdi o tempo: o illustre ministro do fomento, com quem fallei sobre o assumpto, prometteu-me ir em breve verificar *de visu* o que convem fazer, realisando-se de vez e definitivamente a obra de valia e confiança que estiver indicada. Como sabe, n'outro tempo tudo servia de moeda eleitoral, obtendo-se auctorisações e verbas por conta-gottas para os melhoramentos locaes. O resultado era este: dentro em curto praso desapparecia uma *continha calada*, as obras eternisavam-se, sujeitas a mil encontrados projectos technicos e... eleiçoeiros e, por fim, tudo caro e mal feito, vinha abaixo ao primeiro embate com prejuizo da fazenda e dos interesses locaes, descredito da engenharia e proveito unico dos *caciques* empereiteiros e fornecedores. Veja até onde ia a obra nefasta da corrupção monarchica!

—E agora?

—Ou a obra é util, necessaria e se faz com opportunidade e a conveniente economia, ou não é, e então não haverá influencias eleitoraes que determinem o governo a fazel-a. Conhece a orientação e criterio do dr. Brito Camacho...

—As medidas que veiu obter do governo interessam só á parte material ou tambem ás necessidades moraes do districto?

—E' difficil responder-lhe, porque eu julgo uma coisa ligada á outra.

—Evidentemente o districto d'Aveiro foi talvez aquelle em que mais se accentuou a influencia desorganisadora e entibiadora do regimen monarchico, tendo conseguido dividir os homens em facções que só os interesses mesquinhos definiam e tornal-as intransigentemente o[illegible] umas ás outras.

A politiquice absorvia todas as actividades e corrompeu toda a engrenagem social. Os interesses locaes eram func[illegible] voto e só d'este

Ao norte do districto havia uma regular influencia republicana. Espinho progrediu alentado por esta força democratica; ao sul é justo reconhecer que o concelho da Mealhada (Luzo) se desenvolveu muito em razão das suas extraordinarias condições impulsionadas pela influencia d'um seu habitante muito conhecido na politica.

— Mas o resto?

— Não é preciso muito tempo para se reconhecer quanto é cheio de vida, de recursos e belleza o districto.

Uma população activa e extraordinariamente prolifica, para a qual Lisboa é o seu Brazil, agita-se n'aquelle laborioso formigueiro. A terra é como uma veiga, não se sabendo que mais admirar, se a sua fecundidade, se a sua belleza.

Aveiro podendo e devendo ser uma grande cidade, como Setubal, Coimbra, etc., tem-se conservado puramente um centro burocratico, sem embargo das suas proporções laboriosas, industriaes.

Comprehende que o tempo e as actividades malbaratadas n'uma politica de odios e de campanario não podiam produzir outra coisa. E' preciso sanear para acabar com tal desorientação visto que a terra proporciona recurso para uma verdadeira ressurreição e os seus filhos são illustrados e cheios de boas intenções. E' preciso apenas mostrar por obras aos aveirenses que no regimen actual só o merito selecciona os homens.

— Mas como?

—Por uma acção conjucta: na politica, afastando impiedosamente os que delinquiram no velho regimen e julgam ainda possivel transitar para o novo com seus vicios. Appliquem-se á sociologia os preceitos biologicos: ampute-se a gangrena. Isto só por si já estimula actividade e aproxima os bons. Depois cumpre restabelecer a hegemonia de um civismo consciente e elevado, mantendo-se sempre as questões politicas e de interesse material na base dos principios. A' consciencia dos cidadãos de bôa vontade fallarei como melhor souber em palestras publicas e na propaganda das bôas idéas pedirei a coadjuvação dos excellentes propagandistas republicanos. Brito Camacho, Magalhães Lima e outros não deixarão de acorrer ao meu apêllo. O povo ha de comprehendel-os e corresponder-lhes em dedicado patriotismo.

—Mas ouvi dizer que a unidade do districto era um tanto ficticia e alguns concelhos desejariam annexar-se ao Porto ou Coimbra.

— Ahi tem o resultado da politiquice a que me referi: o desgosto de alguns concelhos era legitimo. Na capital do districto não se governava: *governavam-se.* Porto e Coimbra e Braga engrandeciam, visto a corrupção monarchica não ter lançado por lá tão fundas raizes; Aveiro e outras terras ricas e populosas, estacionavam. D'ahi o descontentamento.

De hoje para o futuro isto não mais terá razão de ser. Faremos de Aveiro o centro da nossa pequena republica districtal, formada, deixe-me assim dizer, da federação dos seus concelhos, e aos orgãos mais cativos d'este corpo politico não faltará a solicitude do fomento do Estado.

— Já vejo que continúa a ser medico biologista no governo do districto...

— No que fôr possivel e conveniente.

—O que conta fazer mais n'esse sentido?

—Primeiro estou a proceder a um inquerito rigoroso da vida do districto, que será feito em questionario ás auctoridades e pela inspecção directa. Logo que em Aveiro cumpra os deveres de cortezia a que me obrigam as attenções prodigas com que me receberam, *baterei* os concelhos seguidas e repetidas vezes, informando-me de tudo e sendo junto do governo o interprete caloroso das necessidades locaes. Farei consistir os motivos da minha visita, não em festas, que estão fóra dos moldes democraticos, mas n'uma propaganda patriotica segundo os bons moldes republicanos.

— E o partido republicano da cidade e do districto tem [illegible]ons elementos para essa campanha?

— Ha magnificos elementos democraticos lá. Não lhe cito nomes para não ser injusto não os citando todos, mas ha muitas dedicações e, já que lhe fallo n'este assumpto, sempre lhe di[illegible]i que não são pequenas as provas de verdadeira dedicação de q[illegible]

testemunho entre os proprios republicanos novos. Tenho sido verdadeiramente feliz n'este particular e agoiro mesmo que em breve o districto de Aveiro será unanimemente uma consideravel potencia democratica d ntro da Republica. Então findará alli a minha missão. Coordenadas as forças n'uma só e alta polarisação, a sua resultante fatal será uma politica de harmonia e utilitarismo geral. Ha muito que os republicanos de Aveiro trabalham na propaganda. Sei mesmo que agora vae constituir-se um *comité* dirigente que por toda a parte levantará a sua tribuna. Isto, embora o governo se desinteresse das refregas eleitoraes, como cumpre á alta e melindrosa direcção da Republica, deve produzir magnificos resultados porque, se os elementos activos são bons, a massa popular não é peior.

— Mas os interesses materiaes? Não me fallou em qualquer coisa que se pense fazer para já?

— E' que, como lhe disse, uns resultarão dos outros. A vontade popular concentrada n'uma politica sã e utilitaria, será bem interpretada e cumprida pelo poder. Na minha opinião, mesmo, deviamos, por agora, pôr de parte pedidos d'obras publicas, etc., que não fôssem urgentemente necessarias. Estão ahi as eleições, e é preciso que se não possa pensar sequer que a Republica precisou de recorrer aos ruins processos monarchistas de corrupção, esbanjando dinheiro para obter votos. Não! levemos a nossa devoção até onde levámos a nossa generosidade: até ao exaggero. E, agora pergunto eu: manda mais alguma coisa? São horar como vê.

— Uma bôa viagem apenas! e que o povo comprehenda e corresponda á sua intenção.

A' RODA DA SEMANA

Effectuou-se no passado domingo um banquete no Palacio de Crystal do Porto a que assistiram approximadamente dois mil e quinhentos convivas de todas as classes sociaes. Foi offerecido aos tres antigos deputados por aquelle circulo, dr. Affonso Costa, Paulo Falcão e Xavier Esteves que receberam vivas e extraordinarias acclamações.

=No mesmo dia teve logar egualmente, a romagem ao cemiterio do Prado do Repouso onde se encontram sepultados os mortos da jornada de 31 de Janeiro e que em virtude da chuva se não poude realisar no dia proprio. No cortejo, que foi dos maiores que o Porto tem organisado, tomou parte o illustre ministro da justiça, cuja oração, junto do monumento dos vencidos, a todos commoveu pelas palavras de sentimento de que era repassada.

=Fez na segunda-feira um anno que morreu, em Mangualde, o dr. José Pessoa Ferreira, director do nosso collega *Voz da Beira*.

Foi um republicano revolucionario com quem muitas vezes nos encontrámos e por isso nos associámos n'esse dia, em espirito, á homenagem que os seus conterraneos lhe foram prestar ao cemiterio.

=E' esperado no proximo mez de março em Aveiro, o illustre ministro da justiça, sr. dr. Affonso Costa, a quem estão reservados brilhantes festejos por parte dos republicanos e amigos pessoaes.

=Tem decrescido bastante o cholera, na Madeira, continuando ainda ali como delegado do governo, o sr. dr. Alfredo de Magalhães.

=Depois de ter feito uma conferencia na Associação Catholica, foi apupado nas ruas do Porto o poeta Gomes Leal, que ultimamente, como é sabido, se converteu á devindade christã.

Pobre homem!

= O sr. dr. Manuel d'Arriaga, que desde os tumultos produzidos na Universidade de Coimbra para ali havia ido como reitor de aquelle estabelecimento de ensino, acaba de deixar agora esse logar sendo substituido pelo sr. dr. Daniel de Mattos.

O povo e a academia fez, á despedida do venerando ancião, uma das mais calorosas manifestações de que ha memoria em Coimbra.

=Chegou ao Rio de Janeiro o nosso correligionario Carvalho [illegible]ves, que durante a viagem e ao [d]embarcar foi alvo de varias [manifestações] de sympathia por [illegible] [illegible] republicana por[illegible] [illegible] recepção tive[illegible] [illegible] das j[illegible]

ram tambem, á chegada, os srs. drs. Antonio Luiz Gomes e Fernandes Costa, representantes da Republica Portugueza na capital federal.

=Foi prorogado até 31 de março o praso para apresentação do relatorio sobre os resultados do inquerito a que estão procedendo as commissões administrativas e municipaes de todos os concelhos.

=O governo resolveu vender as 120 carruagens que eram pertença da extincta casa real, mas que tanto dinheirinho custaram á nação em adiantamentos e outras alcavalas.

NOTAS DA CARTEIRA

Estiveram em Aveiro no ultimo sabbado os nossos amigos e correligionarios de Oliveira de Azemeis, srs. dr. Antonio Joaquim de Freitas, dr. Sá Couto, Alfredo Alegria, Domingos Costa, Francisco da Cunha e Silva e dr. José Lopes d'Oliveira, redactor de O Radical, *a quem nos foi muito grato abraçar.*

= Com a sr.ª D. Maria Vera Machado Teixeira, filha do fallecido major Teixeira, de infanteria 24, casou no fim da semana passada, o tenente João Pedro Ruella, ha pouco chegado de Macau onde esteve durante alguns annos em commissão de serviço.

O registo effectuou-se primeiro na administração do concelho perante o respectivo administrador, testemunhando o acto os srs. dr. Alberto Ruella, por procuração do sr. Pedro José Ruella, dr. Manuel Pereira da Cruz, D. Maria do Amparo de Vilhena Pereira da Cruz, João do Nascimento Machado, tenente de caçadores 3, dr. Henrique Pinto e Adriano de Vilhena Pereira da Cruz, que depois seguiram para a egreja da Apresentação afim de egualmente ali testemunharem a união catholica dos nubentes que teve a presencia-la avultado numero de convidados e curiosos.

Ao ditoso par desejamos as maiores venturas em attenção ás preciosas qualidades que o exornam.

=Vimos na rua, quasi restabelecido dos seus encommodos, o que noticiamos com satisfação, o nosso prestimoso correligionario e amigo, sr. Alfredo de Lima e Castro.

=Veio a esta cidade com pequena demora, o sr. Albano Coutinho, ex-governador civil do districto depois da implantação da Republica.

=Tambem aqui vimos os srs. Manuel Gomes Junior, da Amoreira e Arthur Sergio, de Vagos.

=Têm experimentado algumas melhoras, os filhos do sr. Alfredo Cezar de Brito.

=Fez hontem annos o nosso amigo, sr. João Pedro Soares.

Que lhe preste.

Exercicio militar

Realisa-se ámanhã na gandara da Oliveirinha um exercicio de todo o regimento de infanteria 24 que será commandado pelo coronel, sr. Sarsfield e no qual tomará parte toda a officialidade e respectiva banda de musica.

A partida está annunciada para as 7 horas da manhã devendo os soldados almoçarem no caminho e jantarem no acampamento, depois das manobras, ás quaes sabemos ir assistir muita gente em carros e bycielettes.

Consta-nos que, no regresso, os soldados atravessarão a cidade entoando um hymno de guerra, cuja lettra foi expressamente feita pelo sr. major Peres

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 8 de Fevereiro de 1911.

Presidencia do sr. Marques d'Almeida. Assistiram os vogaes Francisco Casimiro, Affonso Eernandes, Eduardo Neves, Francisco Picado, Antonio Maria Ferreira e Martins Villaça.

Approvada a acta anterior, foi resolvido:

Deferir as petições do dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, tutor de seu irmão Fernando de Vilhena Barbosa de Magalhães para serem averbadas em nome de este as obrigações municipaes do *Mercado Manuel Firmino* de numeros 1 a 13, 15 a 17, 19, 20, 22 a 26, 28 a 31, 38, 47, 48, 53, 78, 84, 90, 134 a 136, 138, 139, 169, 373 e 374, que no inventario a que por obito de seu pae se procedeu, couberam ao referido menor, como provou por certidão;

De Antonio dos Santos Gadim, da Vera-Cruz; Perpetua Marques de Jesus, da Gloria; Manuel Melão de Carvalho, lavrador, da Oliveirinha; Manuel da Maia, de Mataduços; João Gonçalves do Padre, de S. Bernardo; Luiz Marques Ribeiro, do Sol-posto e Manuel Thomaz Vieira Junior, da Moita, todas para construc[illegible]

De Maria [illegible] Conceição, viuva, da Gloria, para entrada de sua filha Conceição no Asylo Escola Districtal;

De diversos moradores e commerciantes na Praça do Peixe solicitando providencias contra abusos praticados na carga e descarga de peixe, providencias que a camara resolveu tomar prohibindo aquelle trafego além de 6 metros de distancia das linguetas de descarga; e

De José Nunes de Carvalho e Silva, arrematante de impostos indirectos na freguezia d'Eixo, requerendo que a Camara prosiga no processo por elle intentado contra José Marques da Silva, taberneiro d'aquella localidade, processo sobre que se pronunciou já o juizo de direito da comarca e se archivou em virtude de se haver reconhecido que a camara era parte ilegitima para o promover.

Foram ainda presentes:

Uma queixa testemunhada, do guarda municipal, José Maria d'Almeida, contra o zelador Manuel Augusto de Almeida, a quem a camara, depois de proceder ás averiguações indispensaveis, impoz a pena de reprehensão com 3 dias de suspensão do exercicio e vencimento;

A nota da existencia de fundos no cofre municipal, da qual se verificou a existencia d'um saldo de 464$497 réis em conta da camara e de 133$651 réis em conta do Asylo Escola.

Pelo vogal Martins Villaça foi apresentado o projecto de regulamento para a fiscalisação dos lacticinios na cidade, sendo tomado na devida consideração e resolvendo-se agradecer ao intendente pecuario no Districto a collaboração que prestou n'esse trabalho.

A camara deliberou em seguida:

Pedir auctorisação para nomear guardas campestres para a freguezia de Cacia, sem vencimento e apenas com a legal participação nas multas, os cidadãos José Tavares Bellas, solteiro, lavrador; Manuel Simões Dias Constantino, casado, lavrador, de Sarrazolla; Manuel Joaquim Simões Dias, tambem casado e lavrador, de Cacia; e para zelador municipal, nas mesmas condições, Manuel Rodrigues da Silva, tambem casado, lavrador, de Sarrazolla, destituindo para isso d'estes mesmos cargos, que ha muito não exercem, os individuos n'elles providos;

Proceder aos concertos de que precisa o coval de Sarrazolla e ao corte de eucalyptos existentes junto da fonte do mesmo logar, cujas raizes obstruem o respectivo encanamento, auctorisando o vogal Affonso Fernandes a dispender n'esse trabalho o necessario;

Mandar fazer tambem no chafariz de Mamodeiro a obra de que precisa, e auctorisar o chefe de trabalhos Carlos Mendes a proceder á demarcação dos terrenos pertencentes áquella freguezia como lhe foi solicitada pela respectiva junta de parochia;

Officiar ao commissariado de policia, pedindo que aos guardas destacados para a rua dos Mercadores se faça a recommendação da vigilancia especial que reclama o pouco escrupulo d'alguns habitantes das ruas dos Mercadores, Domingos Carrancho e outras proximas, que pejam de immundicies a viella de S. Pedro; e

Pagar até metade das prestações vencidas a folha dos sub[illegible] ao [illegible] dend[illegible]

do mesmo genero sem que, no proximo orçamento supplementar, se habilite com a verba indispensavel.

Foi por fim presente um officio do vereador substituto Amandio Ribeiro da Rocha, apresentando escusa justificada de servir o cargo; e fez o cidadão, dr. Alberto Ruella, verbalmente e por seu sogro, o vogal Lima e Castro, que se encontra, por doença, impossibilitado de continuar no exercicio das suas funcções, a declaração de que não voltaria a reassumil-as o que a camara muito sentiu propondo por tal motivo o vogal Antonio Maria Ferreira que, visto não haver os substitutos indispensaveis para prehencherem o quadro da vereação, pois se esgotaram n'esse sentido todos os recursos, a camara fosse d'aqui depôr o mandato nas mãos do chefe do districto declinando o cargo em que os investiu o governo da Republica por d'esta fórma não poder servil-a e ao concelho. A camara por unanimidade approvou essa proposta dando hoje por findos os seus trabalhos, não sem manifestar ao chefe da secretaria e para que o transmitisse a todos os empregados da mesma o seu reconhecimento pela leal e zelosa cooperação que lhe prestaram, mandando lavrar n'esta acta a todos elles um voto de louvor e gratidão.

Com sentimento

Diz o povo que a morte não escolhe edades e realmente assim é. A morte não escolhe edades, como não escolhe pessoas, como não descrimina classes ou cathegorias. A morte vem, e, quando chega, fere, implacavel, duramente, como agora aconteceu, roubando ao convivio do marido estremoso e dos paes amantissimos, n'uma edade que é toda de sonhos e de belleza, aquella que era companheira dedicada do nosso amigo Antonio da Cruz Bento Junior, esse bom rapaz que todos conhecem e estimam e que, portanto, digno se tornava de disfructar melhores dias do que aquelles porque está passando com a perda da mulher a quem havia ligado os seus destinos, antevendo um futuro risonho e feliz.

Pobre Maria da Luz! Como ainda se nos arrepiam os cabellos ao lembrarmo-nos da maneira como fomos encontrar o teu lar em desalinho chorando-te, convulsivamente, aquelles para quem eras alegria, amor, esperança! Como nos commovemos e contristámos ao deparar com a tua desventurada mãe, banhada em lagrimas, e teu infeliz marido, a recordarem os teus carinhos, a doçura dos teus sorrisos, os teus encantos e as tuas illusões!

Mas tudo findou. De ti nada mais resta do que a lembrança perduravel d'uma vida ephemera, coroada com o diadêma da virtude, que certamente jámais será esquecida por aquelles que tanto te queriam e estimavam.

Descança em paz.

* * *

O enterro da infortunada Maria da Luz foi uma manifestação de pezar como poucas vezes se tem visto em Aveiro.

N'elle tomaram parte grande numero d'amigos das familias Cruz Bento e Antonio Simões Pereira, atravessando o feretro a cidade, d'esde a *Rua Candido dos Reis* até ao cemiterio, no meio de alas de povo que, contristado, assistia ao lugubre desfile e lamentava a morte permatura da infeliz menina.

Cobriam o ataúde as seguintes corôas e *bouquets* de flôres artificiaes de que pudemos tomar nota: de seu marido Antonio da Cruz Bento Junior; de seus tios Antonio Rodrigues e Maria José Marques; de Manuel dos Santos; de seus primos Figueiredos; de sua prima Maria Rodrigues; de seus paes Antonio Simões Pereira Martinho e Maria Rodrigues Marques; de Antonio da Cruz Bento e Maria Rosa da Cruz; de seus cunhados João, Amandio, Ricardo e Cezar da Cruz Bento, Manuel Florim, Maria Carolina Cruz, Gloria Cruz Rachão e Maria Maxima Faria; de G. Costa e M. Salomé; de Manuel dos Santos; de Rosa da Graça e sua filha Judith, e de sua madrinha.

Depois do responso resado na capella do cemiterio foi o cadaver encerrado em caixão de chumbo e conduzido para o jazigo que ali possue o sr. Simões Pereira, onde ficará dormindo o somno eterno aquella que era todo o seu enlevo, a sua unica affeição.

E já que nada mais resta, seja-nos licito, ao menos, compartilhar da dôr que n'este momento compunge toda a familia da inditosa Maria da Luz, especialisando o nosso amigo Antonio da Cruz Bento Junior, a quem apertamos n'um intimo abraço de sinceras e sentidas condolencias.

Administrador d'Albergaria

Foi nomeado para este cargo em substituição d'um tal Maltez que ali havia sido collocado [illegible] os sr. dr. José [illegible] da sua laia, se fez [illegible] apenas por espirito de

correspondente d'Alquerubim se refere hoje com palavras que inteiramente perfilhamos.

Os nossos parabens á nova auctoridade concelhia.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

Communicado

Aos cacienses residentes em Lisboa

Sr. redactor d'*O Democrata*:

Peço-lhe a fineza da publicação do seguinte: Todos os naturaes da freguezia de S. Julião de Cacia, que queiram contribuir com qualquer quantia para um objecto que se vae mandar fazer para ser offerecido ao illustre cidadão, sr. João Affonso Fernandes, mui digno filho da referida freguezia e actualmente vereador da Camara Municipal de Aveiro, assim como tambem digno presidente da *Commissão Parochial Republicana de Cacia*, pódem ir inscrever-se ao portão principal do Jardim da Estrella, em Lisboa, perguntando alli por Venancio da Silva Mattos, porteiro do jardim, ou na rua de S. Bernardo, Cooperativa Probidade, onde se acha empregado o segundo signatario.

O objecto que se deseja offerecer ao sr. João Affonso Fernandes, em nome dos subscriptores, filhos de Cacia, é uma recordação dos seus conterraneos, pelos serviços prestados á instrucção da nossa terra, assim como á causa da Republica.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1911.

V. S. Mattos e Francisco Diogo da Silva.

CORRESPONDENCIAS

Pinheiro, 31

E' esperada brevemente, a visita do digno presidente da camara municipal d'Albergaria-a-Velha, o dr. Manuel Marques de Lemos, afim d'accordo com a commissão, parochial de S. João de Loure, estudar a melhor e mais rapida maneira de conseguir alguns dos melhoramentos porque ha tanto estes povos reclamam.

N'essa occasião será tambem tratado o assumpto que se prende com a creação do logar do distribuidor postal para S. João de Loure, a que temos alludido.

De todos ha os melhores desejos para que se obtenha quanto se reclame.

=Por um simples incidente havido no arraial dos Santos Martyres, em Travassô, entre Antonio Ribeiro e um rapazote, um grupo d'individuos foi esperar aquelle cidadão perto d'Eirol e ali o aggrediu violenta e barbaramente á pancada.

Pois apezar da gravidade da aggressão e ferimentos, a queixa que tinha sido apresentada em juizo, foi retirada pelo aggredido.

Emfim... estomagos.

=O correspondente do *Democrata* em Alquerubim, com uma ingenuidade adoravel, vem beliscar-nos pelas nossas referencias ligeiramente feitas ao serviço da repartição do correio n'aquella localidade.

Seria proveitoso para todos não nos obrigarem a referir factos claros e precisos, porque não temos n'isso empenho algum, a não ser que sejamos forçados a manter a verdade de quanto dizemos.

Ha muito quem se esqueça de que perante as respectivas auctoridades assumirá a responsabilidade do que na furia insana contra determinada pessoa lhe tem attribuido e que chegado o momento de não o poder provar, ha-de soffrer as consequencias...

Nós não. Só affirmamos o que podemos clara e terminantemente provar.

=Foi por estes sitios muito festejada a nomeação do sr. dr. José Nogueira de Lemos, para administrador do concelho de Albergaria a-Velha.

Os nossos afazeres, apesar de toda a nossa boa vontade, impediu-nos d'assistir ao acto de posse, que foi brilhante e concorridissimo.

Os nossos sinceros parabens ao agraciado e aos povos d'aquelle concelho.

C.

S. João de Loure, 24 de janeiro

(Retardada)

Teve logar no dia 21 a inauguração do chafariz do Cruzeiro á qual assistiram as duas phylarmonicas da terra contratadas para esse fim por uma commissão composta dos cidadãos José Martins Ferreira Junior [illegible] Nu[illegible] [illegible]

O sr. governador civil co-

mões Serralheiro, Clemente Rodrigues Correia e Joaquim Rodrigues Correia Mello, que n'esta freguezia são justamente considerados pelo seu incendrado patriotismo e amor ao progresso.

As duas phylarmonicas depois de tocarem em frente do novo chafariz percorreram as principaes ruas da terra tocando a *Portugueza* sendo de notar o grande enthusiasmo do nosso povo, unanime em dizer que foi uma das melhores festas civicas que aqui se tem realisado.

==Entre outras pessoas que estiveram no sabbado em S. João, conta-se o sr. Antonio Constantino de Brito, pharmaceutico, estabelecido no logar de Pinheiro, que havia sido convidado para içar a bandeira republicana no edificio da escola.

==Na visinha freguezia d'Eixo effectuou-se no domingo com toda a pompa a inauguração d'um rico estandarte offerecido aos alumnos da escola primaria por uma commissão de habitantes, á frente dos quaes se encontra o distincto clinico, sr. dr. Eduardo Moura.

Houve uma sessão solemne em que fallaram varios oradores, indo d'aqui assistir a phylarmonica *Nova Dissidencia*, que, como de costume, se portou á altura dos seus creditos.

==Tambem falleceram no dia 22 o sr. Joaquim Martins Sant'Anna, do Salgueiral e a esposa do sr. João José d'Araujo, dos Casais.

C.

Pará, 16 de janeiro

Conforme prometti na minha ultima correspondencia, vou esclarecer melhor o conflito travado entre o sr. Ivo Josué, redactor do *Echo Lusitano* e a *Provincia do Pará*, que ultimamente incitou os paraenses a protestarem contra a sua permanencia aqui por mais tempo. A questão resume-se n'isto: tendo o chefe de policia recebido denuncia de que o sr. Josué tinha, pelo seu jornal, incitado a colonia portugueza a revoltar-se contra o monopolio das latas sanitarias, foi este chamado á policia, onde se fez acompanhar pelo seu advogado e respectivo consul, afim de prestar os devidos esclarecimentos sobre os factos anormaes que se têm dado, o que, se a rebuço, fez, tendo por fim sido solicitado pelo respective chefe para, por meio do jornal, fazer vêr aos seus patricios o perigo que corriam envolvendo-se em manifestações e conflictos, que a ninguem aproveitam. As declarações do sr. Ivo Josué, foram de tal ordem claras e concisas que o chefe de policia desde logo lhe fez garantir a vida fazendo-o acompanhar por um dos seus melhores agentes.

Na *Folha do Norte* veio então publicado um artigo em que o sr. Ivo Josué se insurgia contra a denuncia e fazia vêr ao publico a sua irresponsabilidade nos conflictos havidos, extranhando tambem o ter sido, por causa d'elles, chamado á policia e portanto encommodado quando a sua consciencia de nada o accusava. Foram algumas phrases d'esse artigo que deram logar á campanha do *Jornal* e da *Provincia do Pará*, que as tomou como offensivas para o povo paraense, pouco valendo as explicações do sr. Josué dadas posteriormente, e que a nosso vêr, deviam ser tomadas, por todos, na devida consideração.

Mas... como assim não aconteceu, tambem achamos que o caminho que o sr. Ivo Josué tinha a seguir foi o que realmente tomou: retirar-se por algum tempo.

==Circulou no dia 5 do corrente o n.º 18 da *Patria Nova*, orgão do *Centro Republicano Portuguez*, que continua fazendo propaganda democratica.

==Muitos mancebos que eram considerados refractarios, têm embarcado para Portugal em visita ás suas familias e muitos outros se preparam para fazerem o mesmo, no proximo verão.

C.

Palhaça, 30 de janeiro

Não leio habitualmente os *Successos*, por isso desconheço a orientação que tomou um certo alfacinha que descobri logo que um amigo fez o favor de me chamar a attenção para um dialogo inserto n'aquelle jornal e que se referia a coisas e pessoas d'esta terra.

O *Alfacinha*, que o é de facto, mas ignorante como as pedras da calçada, apresenta-se como homem, senhor de requintada nobreza, calcando a pés juntos o respeito que devia ter pela verdade, que está acima de tudo quanto diz e escreve.

No seu primeiro dialogo citou elle alguns casos referentes á minha pessoa a que eu devo responder, não porque queira dar importancia ao *Alfacinha*, mas unica e simplesmente porqué me cumpre reprimir abusos de que está fazendo uso, e que a falta de correctivo por minha parte lhe poderia ordenar um excesso de lingua que a sua ignorancia muito bem concebe, dando assim occasião a que alguem se tornasse mais vaidoso do que é. E eu digo ao *Alfacinha*, muito baixinho, porque isto é cá só para nós, que não ha vaidoso algum que não seja trapalhão e d'isso tem a Palhaça de sobejo.

Por isso e porque a verdade manda castigar os que erram, o *Alfacinha* ha-de permittir que lhe faça algumas objecções, na certeza a que não tenho em mira qualquer melindre a tão singella pessoa.

Disse o *Alfacinha*, entre outros muitos disparates, que se eu fosse professor em logar de tamanqueiro (isto vae de cór) a freguezia estaria alguma coisa civilisada ou bem civilisada. E' certo. Se eu fosse professor, e, pelo menos, de adultos, o *Alfacinha* saberia dizer só a verdade, porque eu não lhe pouparia palmatoadas nas mãos emquanto o não achasse apto para a defender. Não tive essa sorte, e o professor que o ensinou faltou-lhe com educação, faltou-lhe com a palmatoria e por isso ficou como todos sabem—um ignorante que não duvida calumniar seja fôr e como fôr. Se para o *Alfa*[cinha o] trabalho é desprezo, ent[ão] faz [illegible] ferros que tem em ca[sa] [illegible] de ganh[illegible] adeant[e] [illegible]

[C]omo bem o disseram aqui Bernardino Machado e Affonso Costa, a obra da Republica tem de ser, e ha-de ser, de concilia

o outro mais novo o que vigora depois de ter mettido o nariz em todos os partidos.

Mais uma prova da sua estupidez ou da má fé com que escreve. O *Alfacinha* quer attribuir-me importancia que eu nunca tive, pois é redondamente falso que eu em tempo algum me entendesse com outro partido que não fosse o regenerador. E desafio o *Alfacinha* a que publicamente diga os nomes dos outros partidos a que pertenci, sob pena de o amarar ao pelourinho da cobardia onde ficará muito bem collocado.

O republicano mais velho e sincero ficou sem pasta, diz o menino. Ora muito bem. O *Alfacinha* reconhece sinceridade no tal repulicano, tanta, é certo, como elle tem e não foi empregado. Devo dizer-lhe que se não foi d'esta vez, sel-o-ha para outra occasião, mas que a respeito de sinceridade e lealdade partidaria, foi coisa que o tal republicano nunca teve, pela razão que vou dizer-lhe:

Em 1906 era governador civil de Aveiro o dr. Vaz Ferreira e eu entrei em combinação com este senhor, não porque precisasse de qualquer favor para mim, mas sim um melhoramento local que a ninguem fica mal pedir—a conclusão da estrada do Ribeiro do Salão a Sôza, apenas de uma extensão de dois kilometros. Este pedido era justo, pois que já alguem tinha comido o dinheiro sem fazer o serviço; mas eu temi assumir a responsabilidade com o povo da Palhaça e ordenei que a esta freguezia viesse o sr. dr. Vaz Ferreira ou pessoa sua delegada. Veio o seu secretario particular, sr. Falcão, e do que então se passou, creio que o ignorante *Alfacinha* tem devido conhecimento.

A reunião effectuou-se precisamente em casa d'esse republicano, que n'esse tempo era um doido progressista, embora uma vez se tivesse lembrado de ser republicano, e como as coisas não calhassem a contento da tropa, esse republicano, sincero e velho, nem por isso deixou de andar de porta em porta a mendigar votos contra os regeneradores e em companhia dos progressistas! Onde achou então o *Alfacinha* a sinceridade do velho republicano?

Se elle era velho republicano e sincero, para que diabo pedia elle favores ao ex-conde d'Agueda? E,—coisa curiosa!—porque não deu elle a sua adhesão á Republica? Não que o ex-conde d'Agueda podia sabel-o e logo fallava com os professores em Aveiro e em Coimbra... e depois?!

Se o *Alfacinha* não fosse um palerma que deixa comer as papas no catulo da cabeça!... Mas assim não faz gosto. Melhor é pôr as lunetas e afiar mais uma navalha...

Infeliz *Alfacinha!*

Manuel de Mello.

Alquerubim, 3

Tomou posse do logar de administrador d'este concelho d'Albergaria-a-Velha o nosso amigo e illustre advogado, dr. José Nogueira Lemos. O acto foi concorridissimo sendo o nomeado acompanhado á sua casa d'esta freguezia por grande numero de amigos.

Em varios pontos da freguezia, principalmente á porta do sr. dr. Lemos, toda a noite se deitou fogo em signal de regosijo, por termos um conterraneo a occupar um logar que tinha andado por *mãos alheias*.

Temos no concelho gente muito digna e competente para o bom desempenho de certos cargos, e estamos certos de que o illustre cidadão, dr. José Nogueira Lemos fará tudo quanto puder, dentro da legalidade e da justiça, para ser util ao seu concelho. Desejamos que esta nomeação, que foi a contento de todo o povo, dure muitos annos, para evitar que tenhamos *administradores mensaes*.

—Continua uma crise medonha. Pastagens e hortaliças tudo áterrado com a muita neve que tem cahido.

Os lavradores estão desanimados.

C.

Annuncios

Arrematação

1.ª PUBLICAÇÃO

Por este juizo e pelo cartorio do escrivão do 2.º officio, Barbosa de Magalhães, nos autos de inventario de menores a que se procede por obito de João Maria Ribeiro, viuvo, que foi d'esta cidade, e em que é inventariante e cabeça de casal Manuel da Silva Ribeiro, solteiro, maior, proprietario, tambem d'esta cidade, filho do inventariado, por deliberação do conselho de familia e accôrdo dos interessados, vão á praça no dia vinte e seis do corrente, por onze horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça da Republica d'esta cidade, para serem arrematados por quem mais offerecer acima de metade da sua avaliação, que é o valor por que vão á praça, os seguintes predios pertencentes ao casal do inventariado:

Um pinhal sito na Patella, limite da freguezia da Gloria, no valor de 30$000 réis;

Um pinhal sito no Passadouro, limite da Quinta do Gato, freguezia da Gloria, no valor de 20$000 réis;

Oito duodecimas partes de uma propriedade sita na Bregeira, limite de São Bernardo, freguezia da Gloria, no valor de 180$000 réis;

Oito duodecimas partes de uma decima parte da Ilha de Palha Canna, sita na ria de Aveiro, as quaes oito duodecimas partes vão á praça no valor de 160$000 réis;

Um bocado de terreno arenoso, sito na Barra d'Aveiro, perto do Pharol, freguezia de Ilhavo, no valor de 15$000 réis;

Um pequeno bocado de pinhal e matto, sito nas Areias, limite da Patella, freguezia da Gloria, no valor de 10$000 réis;

Um pequeno bocado de pinhal e matto, sito nas Areias, limite da Patella, freguezia da Gloria, no valor de dois mil e quinhentos réis;

Um bocado de terra lavradia, sito na Bregeira, limite de Villar, freguezia da Gloria, no valor de 5$000 réis.

Toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despezas da praça serão por conta do arrematante. Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem com direitos ao producto da arrematação, para virem deduzi-los, sob pena de revelia.

Aveiro, 2 de Fevereiro de 1911.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Ferreira Dias

O escrivão

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.